

A “Necrópole” da Carlota (São Brissos, Beja) no contexto cultural da I^a Idade do Ferro no Baixo Alentejo: dados preliminares

Rosa Salvador Mateos¹ e José António Pereira²

RESUMO

Com este trabalho pretendemos apresentar os dados preliminares da intervenção arqueológica no sítio Carlota (São Brissos, Beja), realizada pela NOVARQUEOLOGIA Lda, e inserida nos trabalhos de minimização de impactes sobre o Património Cultural no âmbito da construção do Troço de ligação Pisão-Beja, integrada no projecto de rede primária do Sistema Global de Rega do Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva, e suportada pela EDIA, S. A. A intervenção permitiu identificar um espaço funerário da I^a Idade do Ferro, no qual se destaca uma sobressaliente arquitectura monumental, formada por quatro recintos rectangulares, aparecendo ainda um quinto recinto apenas perceptível e sem continuidade. Dentro deste conjunto sobressai o que denominamos monumento central formado pela justaposição dos recintos funerários 1 e 2, comportando, cada um deles, um enterramento na parte central. Trata-se de duas inumações, que, apesar de ter sido objecto de profanações antigas, permitiram identificar os restos de dois corpos depositados em posição fetal, orientados a Este e acompanhados de destacado componente artefactual. Não foram detectados enterramentos associados directamente ao resto dos recintos. Na área

envolvente aos recintos aparecem várias estruturas abertas no afloramento que poderiam, por hipótese, corresponder a outros enterramentos, no entanto, em apenas numa delas foi identificada uma incineração em urna acompanhada de um rico espólio cerâmico e duas pontas de lança de ferro. O destacado conjunto artefactual aponta para uma cronologia genericamente enquadrável dentro da I^a Idade do Ferro (VII-VI a.C.?), onde se aprecia um acusado substrato regional, embora a presença de objectos de filiação oriental, com toda a ideologia e os conceitos a eles associados, revelem uma intensa influência oriental. Provavelmente essa influência seja resultado da sua privilegiada localização face às vias naturais, tanto terrestres como fluviais, que favoreceram o trânsito do “comércio” entre o mundo ocidental e oriental. Relativamente aos paralelos, são inegáveis as semelhanças que partilham com necrópoles locais como a de Palhais (Beringel, Beja). A necrópole da Carlota aparece inserida num processo social de apropriação da terra e reafirmação da identidade individual face à colectividade, funcionando como um potente símbolo de poder e prestígio social (familiar e/ou parental) omnipresente na paisagem.

1 - Arqueóloga, NOVARQUEOLOGIA, LDA., rsmateos@novarqueologia.pt;

2 - Arqueólogo, NOVARQUEOLOGIA, LDA., japereira@novarqueologia.pt;

ABSTRACT

In this study we would like to introduce preliminary data from the archaeological intervention at Carlota site (São Brissos, Beja, Portugal), carried out by NOVARQUEOLOGIA Lda., included in the works associated with minimizing impact on Cultural Heritage in the construction of the intersection Pisão-Beja, which is part of the primary network project of the Global System of Irrigation of the Multi-Purpose Alqueva Venture, supported by EDIA [Enterprise Development and Infrastructure Alqueva]. Through the archaeological intervention it was possible to identify a burial space dated back to the First Iron Age (7th-6th century B.C.?), where a remarkable monumental architecture stands out. It is formed by four rectangular enclosures, beside a fifth one barely noticeable and not very well defined. Within this architectonic group, the most relevant element is what we have called central monument, formed by the annexation of funerary enclosures 1 and 2, and showing each one a burial in the center. In spite of having been desecrated in ancient times, these two burials still let us identify two bodies that were buried in fetal position, oriented east, and accompanied by a relevant artefactual component.

No burials directly related to the other enclosures were found. In the surrounding area there are several open structures at the subsoil level which, hypothetically, could be connected to other burials; however, evidence existed only in one of them, where an urn with incineration remains along with rich ceramic assets and an iron spearhead were revealed. The important artefactual collection points to a period of time within the First Iron Age, when it is easy to find a significant regional substrate; on the other hand, the presence of objects of oriental origin, as well as the ideology and rituals connected to them, seem to point to an intense eastern influence, maybe as a result of its privileged position as a natural way, both terrestrial and fluvial, that favor the transit of the trade between East and West). With regard to the parallels, there are obvious similarities between this site and other local necropolis such as Palhais (Beringel, Beja). The necropolis of Carlota is involved in a social process of land appropriation and reaffirmation of individual identity as opposite to the community, working as a strong symbol of power and social prestige (family and parental prestige) omnipresent in the landscape.

1 INTRODUÇÃO

Os recentes trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural realizados no âmbito do Sistema Global de Rega de Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva, têm permitido a intervenção de um vasto conjunto de sítios arqueológicos, alguns deles ainda em processo de estudo.

Nos últimos anos temos vindo a assistir a um notável incremento da informação arqueológica sobre a I^a Idade do Ferro no Baixo-Alentejo, com a incorporação de um número importante de contextos funerários enquadráveis nesse período, que podem vir a modificar de forma significativa o panorama da arqueologia regional, insuficientemente valorizado em detrimento do protagonismo das comunidades assentes no litoral. Aos poucos, a região perfila-se como uma área de vital importância, que põe em relevo o papel das comunidades indígenas nas relações entre oriente e ocidente.

Sítios como Monte do Marques 7 (Beringel), Vinha

das Caliças (Trigaches), Palhais (Beringel), Poço da Gontinha 1 (Ferreiro do Alentejo) e Monte do Bolor 1 e Carlota, (São Brissos), albergam manifestações funerárias de grande interesse para compreender o grau de desenvolvimento das comunidades sidéricas do Baixo-Alentejo. A problemática do mundo funerário é um dos melhores indicadores dos processos de complexidade social que tem lugar no Sudoeste peninsular durante o Bronze Final e o período Orientalizante.

Com o presente texto pretendemos a abordagem preliminar do sítio Carlota e sistematizar algumas questões sobre a sua problemática. Apesar da escavação, reveste-se de grande importância a apresentação pública dos resultados, embora, numa fase ainda preliminar. Os trabalhos de escavação foram suportados pela EDIA, S. A., adjudicados à empresa NOVARQUEOLOGIA LDA, e decorreram sob a responsabilidade científica do primeiro signatário deste artigo.

2 O SÍTIO

O sítio Carlota foi identificado no decorrer de trabalhos de minimização de impactes sobre o Património Cultural no âmbito do *Sistema Global de Rega e Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva: Troço de ligação Pisão – Beja*, promovido pela EDIA, S. A. Numa primeira abordagem, em Novembro de 2009, foram realizadas sondagens arqueológicas mecânicas de diagnóstico, como preconizado na Declaração de Impacto Ambiental da obra. Em função dos resultados, tornou-se necessário proceder à decapagem mecânica em área do sítio, totalizando no final uma superfície de 3.956 m². A extensão dos contextos preservados implicou a escavação manual de cerca de 600 m².

O sítio localiza-se na freguesia de São Brissos, a Oeste de Beja, e encontra-se implantado no topo de um pequeno cabeço à cota absoluta de 211 metros, sobranceiro a uma linha de água sazonal que aflui à Ribeira do Galego. Apesar do local da intervenção não ocupar o topo do cabeço, permite um amplo domínio visual sobre a paisagem envolvente. A região apresenta a paisagem característica da peneplanície alentejana, onde os cerros arredondados alternam com a planura e linhas de água de menor importância e caudal. Uma terra de excepcionais condições agrícolas. (Fig. 1).

Em termos geológicos a área em apreço insere-se na unidade morfoestrutural do maciço Hespérico, na unidade geotectónica “Zona Ossa Morena”, sendo compostos por xistosmetamórficos, xistas argilosos, granitos, grauvaques, dioritos e gabros, pórfiros, gnaisses e rochas da série espelítica do Alentejo. Especificamente, o sítio em que se inseriu a escavação encontra-se implantado numa área onde se verifica a presença de caliços, sendo os afloramentos circundantes compostos por xistas alterados. Em termos geomorfológicos, a área apresenta altitudes médias de 190 a 200 metros.

Os trabalhos arqueológicos realizados revelaram a presença de um conjunto significativo de manchas de um sedimento argiloso que preenchiam estruturas negativas abertas no afloramento de diferente tipologia e cronologia. A escavação destas realidades permitiu relacionar parte dos restos arqueológicos identificados com contextos funerários enquadrados numa ocupação da I^ª Idade do Ferro. Ainda foram detectados contextos domésticos e funerários relacionados com uma ocupação tardia do espaço já em época tardo-romana. São, contudo, exclusivamente os contextos sidéricos que o presente texto aborda.

3 ARQUITECTURA

Um dos aspectos mais relevantes do sítio refere-se à sua arquitectura, constituída por um conjunto de recintos rectangulares limitados por fossos. Foram ainda identificadas três sepulturas de inumação e uma sepultura de incineração. (Fig. 2).

Ao centro da área intervencionada aparece um monumento de planta rectangular que comporta dois recintos justapostos (recinto 1 e recinto 2) delimitando, cada um deles, uma inumação individual em fossa que ocupa uma posição central.

Nas proximidades, a Noroeste, localiza-se um segundo monumento comportando por sua vez, outros dois recintos, também justapostos (recinto 3 e recinto 4), que apresentam igualmente planta rectangular, não estando associado a estes, quaisquer contextos funerários. A Sul, um quinto recinto fortemente truncado pela lavra, apenas reconhecível no seu extremo Norte. Fora dos recintos, foi identificada uma sepultura de incineração (sepultura – 14).

3.1 MONUMENTO 1 - RECINTOS 1 E 2

O monumento 1 constitui o espaço funerário central, e está composto pela justaposição de dois recintos de secção rectangular que conformam um ambiente de tendência quadrangular delimitando, como já foi referido, cada um deles, uma inumação individual em fossa que

ocupa uma posição central.

Os recintos apresentam uma área aproximada de 100 m² estando delimitados por fossos com largura média de 1 metro, e uma profundidade máxima de 0,80 metros e mínima de 0,50 metros para o recinto 1. O recinto 2

apresenta uma profundidade entre os 0,35 metros e os 0,65 metros, com uma secção em "U". (Figs. 4 e 5).

A escavação dos recintos possibilitou-nos comprovar o seu preenchimento composto por vários depósitos, sendo que apenas o depósito da base, constituído por um sedimento limoso muito compacto de tonalidade

esbranquiçado e já em contacto com o afloramento, contém materiais cerâmicos. A presença deste depósito é constante nos dois recintos. O espólio, associado a estes recintos, corresponde maioritariamente a restos cerâmicos.

3.1.1 SEPULTURAS 2 E 3

No centro de cada recinto abre-se directamente sobre o topo do substrato de base ambas as fossas de inumação. A sepultura 2 no interior do recinto 1 e a sepultura 3, no interior do recinto 2. Estas apresentam configuração rectangular e extremidades ligeiramente arredondadas.

A sepultura 2, apresenta um comprimento de 3,10 metros, uma largura de 0,80 metros e a profundidade total é de 1,35 metros (Fig. 6), sendo que a sepultura 3, apresenta um comprimento de 2,60 metros e uma largura de 0,80 metros, com uma profundidade de 1,10 metros (Fig. 7). As inumações encontram-se em fraco estado de preservação, apenas foram detectados os membros inferiores. A análise antropológica permitiu inferir que se tratam dos restos de dois indivíduos, um de sexo masculino na sepultura 2 e outro de sexo feminino

na sepultura 3. Os membros inferiores encontravam-se em posição flectida com orientação O (crânio) - E (pés). O espólio da sepultura 2 é composto por uma peça completa em cerâmica e uma ponta de lança. O espólio da sepultura 3 resume-se a um unguentário de cerâmica clara.

Associada ao recinto 2 foi ainda identificada uma outra inumação, no segmento (fosso) Este e em perfeita articulação com ele, sem ter sido afectadas as paredes. Estava parcialmente delimitada a Norte por pedras avulsas, sem existirem relações claras de posterioridade. O material osteológico apresentava-se em mau estado de conservação, e muito embora pertencendo a um único indivíduo, os ossos encontravam-se desconexos e remexidos. Não foi possível retirar qualquer informação métrica ou morfológica (Fig. 8).

3.2 MONUMENTO 2 - RECINTOS 3 E 4

Este monumento é formado por dois recintos gémeos e delimitados por fossos que conformam um ambiente de tendência rectangular, não estando associado a estes qualquer enterramento (Fig. 9). No entanto, aparece um conjunto de estruturas negativas que se sobrepõem e cortam estes recintos, que inicialmente foram interpretadas por nós como plausíveis de conter enterramentos. Contudo, os trabalhos de escavação não permitiram qualquer elemento que nos leve a manter esta hipótese, não fornecendo também, qualquer indício de profanação dos mesmos.

Os recintos 3 e 4 apresentam uma área aproximada de 115 m² (Recinto 3 – 75 m² e Recinto 4 – 40 m²) delimitados por fossos com uma largura mínima de 0,50 metros e máxima de 0,80 metros, e uma profundidade máxima de 0,80 metros e mínima de 0,50 metros para o recinto 3. O recinto 4 apresenta uma profundidade média de 0,50 metros sendo que na parte noroeste chega a atingir os 0,65 metros. Ambos os recintos

apresentam paredes rectas ligeiramente reentrantes e fundo plano. Se no caso do monumento central, formado pelos Recintos 1 e 2, poderíamos pensar que existiam duas estruturas que se uniam, no caso dos recintos agora em análise, não parece tão claro, existindo uma continuidade entre ambos, o que nos leva a pensar na possibilidade de se tratar de apenas um recinto com dois compartimentos, delimitados por um único segmento central.

No que se refere ao enchimento dos fossos, não se verificam diferenças significativas com o monumento 1, apresentando sequências sedimentares muito semelhantes, divergindo apenas no número de inclusões de materiais do depósito de base, que neste caso, são muito escassas. Neste depósito foi recuperado um recipiente (vaso globular) de cerâmica manual de cozinha e um fragmento de cerâmica clara a torno com decoração pintada de bandas pretas. Contudo, e apesar do escasso espólio associado, permitem estabelecer a

sincronia com o resto do conjunto.

Por último, o recinto 5 encontrava-se em muito mau estado de conservação, eventualmente em resultado dos trabalhos agrícolas que provocaram o arrasamento desta zona. A parte visível era formada por um pequeno fosso de escassos centímetros de profundidade, secção em U e largura máxima de 35 cms. Foi apenas identificado um

depósito sem qualquer inclusão cultural.

No processo de escavação destas realidades não foram identificadas evidências materiais da utilização de quaisquer supra-estrutura ou elemento exterior que as defina. Estes, a terem existido, poderão eventualmente ter desaparecido devido à intensa actividade agrícola da zona.

3.3 SEPULTURA 14

Fora dos recintos, foram detectadas algumas estruturas negativas que pela sua tipologia poderiam corresponder a contextos funerários, contudo, na escavação destes contextos, é de salientar a existência de apenas uma estrutura funerária para este período cronológico: a Sepultura 14 (Fig. 10), que passamos a descrever.

À superfície, era apenas visível uma fossa rectangular aberta directamente sobre o topo do substrato de base desenvolvendo-se com orientação N/S e desprovida de

qualquer elemento sinalizador. O seu comprimento total é de 1,50 metros, sendo a sua largura de 0,72 metros e a profundidade de 0,30 metros. No interior, um imbricado de pedras delimita um vaso cerâmico – urna tipo “Cruz del Negro” – com deposição de restos carbonatados no seu interior. O espólio é composto por diversas peças cerâmicas e duas pontas de lança, depositadas lateralmente. A escavação desta urna não foi ainda operada, aguardando-se que se reúnam um conjunto de pressupostos que levem à sua correcta exumação.

4 ESPÓLIO

A apresentação do espólio não pretende ser exaustiva, uma vez que este se encontra em fase de estudo, guardando-se para um futuro próximo a publicação do mesmo. A grande maioria do conjunto, que corresponde maioritariamente a fragmentos de cerâmica, provém do enchimento dos recintos. No enchimento destes recintos observam-se diversos episódios deposicionais, com destaque para o depósito da base que contém a totalidade do espólio cerâmico recolhido, de clara génesis antrópica e que responde a deposições intencionais.

Numa primeira análise deste material constatamos a convivência de peças de fabrico manual junto de peças realizadas a torno, sendo os conjuntos cerâmicos fortemente marcados pela tradição indígena, aos quais se apresentam novos estímulos orientalizantes.

Os tipos cerâmicos melhor representados são os característicos do Ferro Antigo: cerâmicas manuais, recipientes de grande dimensão, que apresentam paredes rugosas, e em que se destacam as formas fechadas de tendência globular e perfil em “S”, com base plana. Frequentemente associados a este tipo, aparecem as decorações de impressões de dedos. Estas apresentam uma decoração típica que consiste numa linha de digitações ou impressões sobre o bojo (Fig. 11).

A presença destas peças documenta-se em contextos do Bronze Final de todo o Sudoeste peninsular, e surge abundantemente nos contextos do início da Idade do Ferro podendo-se mesmo afirmar que constitui um dos tipos cerâmicos mais característicos deste momento, generalizando-se por todo o Sudoeste peninsular ao longo do início da Idade do Ferro, já desde o século VIII a.C., perdurando ao longo do século VII a.C. e inclusive até o século VI a. C. Trata-se de cerâmica de uso doméstico utilizada como recipientes de armazenagem, no entanto, é comum a sua presença em contextos funerários.

Ainda dentro das produções manuais, ocorrem outros fragmentos cerâmicos que apresentam cozedura oxidante, com especial destaque para a tipologia de taça, onde existem exemplos de peças de taça com pé e aplicação plástica de ornitomorfos no bordo da mesma. Este tipo está presente em ambientes sepulcrais ou culturais, (nas necrópoles da Andaluzia como La Joya, Setefilla, ou a Casa-Palácio Marqués de Satillo assim como no Baixo-Alentejo nas necrópoles de Corte Margarida (Aljustrel) e de Palhais (Beja), entre outras. Este tipo cerâmico já não se identifica a partir do século V. (Fig. 12).

A cerâmica cinzenta resume-se a duas peças

completas (taça hemisférica e taça carenada) que se encontram em bom estado de conservação e vários fragmentos de outras peças incompletas. Revelam uma boa qualidade de fabrico, traduzindo pastas compactas, muito finas e depuradas de pasta micácea, que apresentam cozedura redutora realizada a altas temperaturas. Ainda sobre o torno, as superfícies se submetem a um processo de intenso brunido, chegando a adquirir um brilho metálico e apresentando colorações escuras uniformes. Trata-se de uma vasilha de mesa com predomínio de formas abertas. Alguns autores (Caro 1989:192) afirmam que se trata de uma cerâmica de mesa de luxo, que substitui os tipos brunidos elaborados à mão. Peças deste tipo provêm da sepultura 2 e dos depósitos de enchimento do monumento 1 (Figs. 13 e 14), nomeadamente do “corredor central”. Este tipo cerâmico apresenta uma longa tradição de investigação. Trata-se de uma das produções mais características do período orientalizante da área tartésica. As duas formas encontram-se representadas em todo o Sul peninsular, sendo que a peça carenada é uma das primeiras formas a ser realizadas neste tipo de cerâmica (Domínguez de la Concha, 1988, 174), estando presente ao logo de todo o período orientalizante (necrópole de Medellín)

começando a rarificar-se a partir do século VI a.C. Alguns autores põem de manifesto a sua origem local, a partir das suas afinidades com as produções do Bronze Final, enquanto outros, defendem a sua influência oriental.

Sublinha-se ainda a presença na sepultura 3 de um unguentário de cerâmica clara, que apresenta um corpo globular, base com pé anelar e asa de secção circular que vai do colo à parte superior do corpo. É um contentor de óleos associado ao uso ritual de perfumes. Primitivamente é uma forma tipicamente fenícia, sendo que as peças mais antigas são enquadráveis entre os séculos IX e VII a.C., mas é entre o séc. VII a. C. e o primeiro terço do século VI a. C., que atinge o seu melhor momento. Encontramos paralelos na necrópole de Palhais, no entanto, e segundo alguns autores, a peça aqui descrita enquadra-se na forma 13 de Caro (Caro, 1989), onde o perfil alargado sugere tratar-se de uma produção avançada, embora não das mais tardias (que apresentam base apontada em face da base plana da peça da Carlota). (Fig. 15).

Em geral, o conjunto artefactual da Carlota, é passível de se enquadrar nas tipologias disponíveis para aos séculos VII e VI a.C. do período orientalizante.

5 SÍNTESE

Nos últimos anos assistimos a um processo transformador da arqueologia do Baixo-Alentejo, com a progressiva e constante produção de novos dados resultantes dos trabalhos de minimização sobre o património cultural no âmbito do projecto Alqueva, pelo que a leitura aqui apresentada pode ser (e será com certeza) rapidamente ultrapassada.

A identificação do sítio Carlota reforça a presença de recintos funerário-simbólicos atribuíveis ao período orientalizante na zona de Beja. De facto a identificação deste tipo de realidades arqueológicas, até há relativamente pouco tempo desconhecidas, tem vindo a desempenhar grande protagonismo na Proto-história desta região.

No entanto, a diversidade e heterogeneidade do registo funerário que se faz sentir durante o período Orientalizante no Baixo-Alentejo à semelhança do que acontece noutras zonas peninsulares (Enríquez Navascues, 2007), fruto da convergência do substrato regional com elementos vindos de fora, tipicamente mediterrâneos, dificultam a sua compreensão.

Não podemos obviar a inegável similaridade que se faz sentir nas plantas, na topografia de implantação, no ritual, na dimensão dos seus recintos e na natureza dos contextos associados dos sítios Monte do Marques 7, Vinha das Caliças, Palhais, Poço da Gontinha 1, Monte do Bolor 1 e Carlota.

Contudo, e apesar das grandes similitudes, existem algumas diferenças notáveis no que diz respeito à organização do espaço funerário, existindo situações de clara organização hierárquica do espaço funerário que, entre outras, devem ser valorizadas enquanto resultado de complexos processos sociais.

A evidência disponível para o sítio Carlota permite-nos falar de uma arquitectura decorrente de um planeamento *integral*, na que a área sepulcral alberga dois enterramentos destinados a um casal de personagens destacadas, mostrando a identidade social dos defuntos (casal) ante a comunidade e reafirmando a identidade individual (parental) em oposição à colectiva, criando o seu próprio e exclusivo espaço, constituindo um espaço funerário isolado, encontrando-se articulado

a ele um segundo monumento e uma sepultura de incineração.

A paisagem funerária da Carlota resulta de um processo de diferenciação social que se vem produzindo desde o século VII a.n.e., dando lugar à segregação de personagens destacadas, que legitimam a possessão da terra através da morte, num momento imediatamente anterior à fase de generalização do fenómeno tumular no Baixo-Alentejo, na mesma linha do que sucede noutras áreas peninsulares, como na Alta Andaluzia, onde os contextos funerários isolados são anteriores ao século V

a.n.e., que é quando começam a aparecer as verdadeiras necrópoles, coincidindo com a consolidação do sistema aristocrático-clientelar (Arturo Ruiz Rodriguez, 2005, p.796).

Carlota é um sítio de carácter funerário, implantado na pleniplanicie alentejana numa zona de excelente potencial agrícola no período Orientalizante, que faz parte de um milenário e complexo processo de apropriação da terra através da morte baseado num modelo social assente nos laços de parentesco e vinculado com as “élites” locais (rurais?).

BIBLIOGRAFIA

- ALMAGRO-GORBEA, M. (2007), *La necrópolis de Medellín, I. La excavación y sus hallazgos*, Madrid.
- AMORES, F. e FERNÁNDEZ, A. (2000), “La necrópolis fenicia de la Cruz del Negro, Carmona, Sevilla”, .Argantonio, Rey de Tartessos (Aranegui, C., Ed.), Sevilla, 156-163.
- ARRUDA, A. M. (2000a), *Los fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el Centro y Sur de Portugal (siglos VIII/VI a.C.)*, Cuadernos de Arqueología Mediterránea, 5/6, Barcelona.
- (2000b), “Práticas e rituais funerários no Sul de Portugal durante a Proto-História”. Actas do 3º congresso de Arqueología Peninsular, V, Porto, 101-108.
- (2001), “A Idade do Ferro Pós-Orientalizante no Baixo-Alentejo”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 4/2, 207-291.
- (2005), “Orientalizante e Pós-orientalizante no sudoeste peninsular: geografias e cronologia”. El Período Orientalizante, Protohistoria del Mediterraneo Occidental, Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida (F. Celestino Pérez y J. Jiménez Ávila, Eds.), Anejos de Archivo Español de Arqueología, XXXV, I, 277-303.
- CARDOSO, J.L. (2000), “Manifestações Funerárias da Baixa Estremadura no decurso da Idade do Bronze e da Idade do Ferro (II e I milénios a.C.). Breve Síntese,” Actas do 3º congresso de Arqueología Peninsular, V, Porto, 61-99.
- CARO BELLIDO, A. (1989), *Cerámica gris a torno tartésia*. Cádiz.
- CORREIA, V.H. (1993), “As necrópoles da Idade do Ferro do Sul de Portugal: arquitectura e rituais. Iº Congresso de Arqueología Peninsular. Trabalhos de Antropologia e Etnologia. 33 (3-4), 351-375.
- DEUS M., CORREIA, J. (2005), “Corte Margarida. Mais uma necrópole orientalizante no Baixo Alentejo”. El Período Orientalizante, Protohistoria del Mediterraneo Occidental, Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida (F. Celestino Pérez y J. Jiménez Ávila, Eds.), Anejos de Archivo Español de Arqueología, XXXV, I, 615-618.
- DOMÍNGUEZ DE LA CONCHA, M.C., CABRERA BONET, P.; FERNÁNDEZ JURADO, E.J.,(1988), “Cerro de la Cabeza (Santiponce, Sevilla)”. Noticiario Arqueológico Hispánico. Madrid. 30, 120-186.
- ENRIQUEZ NAVACUES, J.J. (2007), “El papel de la muerte y la ideología funeraria en la “protohistoria extremeña”, Arqueología de la tierra. Paisajes rurales de la protohistoria peninsular (A. Rodríguez Díaz y I. Pavón Soldevila, eds.). Cáceres, 103-128.
- JÍMENEZ ÁVILA, J. (2001), “La necrópolis de “El Jardal” (Herrera del Duque, Badajoz): elementos para el estudio del ritual funerario del suroeste peninsular a finales de la I Edad del Hierro”. *Complutum*,12. Madrid, 113-122.
- (2005), “Cancho Ruano: el proceso de privatización de un espacio ideológico”, *Trabajos de Prehistoria*, 62:5. Madrid, 105-124.
- JÍMENEZ BARRIENTOS, J. (1991), “Aspectos rituales funerarios de la necrópolis de la Cruz del Negro, Carmona (Sevilla)”, *Zephyrus*, 43-44-45, 215-222.
- MATALOTO R., LANGLEY M., BOAVENTURA R., (2005). “A necrópole sidérica de Torre de Palma (Monforte, Portugal). SIDEREUM ANA I. El río Guadiana en época post-orientalizante. (J. Jiménez Ávila, Eds.), Anejos de Archivo Español de Arqueología, XLVI, 283-303.

V ENCONTRO DE ARQUEOLOGIA DO SUDOESTE PENINSULAR

- RUIZ RODRIGUEZ A., MOLINOS, MOLINOS, M. (2005), "En la vida y en la muerte: el final del periodo orientalizante en al Alto Guadalquivir". El Período Orientalizante, Protohistoria del Mediterraneo Occidental, Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida (F. Celestino Pérez y J. Jiménez Ávila, Eds.), Anejos de Archivo Español de Arqueología, XXXV, II, 787-798.
- SANTOS, F., ANTUNES, A.S., CRILO, C., DEUS, M., (2009), "A necrópole da Idade do Ferro de Palhais (Beringel, Beja). Resultados preliminares de uma intervenção de emergência no Baixo-Alentejo. IV Encontro de Arqueología del Suroeste Peninsular, Huelva, 746-804.
- TORRES ORTIZ M. (1999) – Sociedad y Mundo funerario en Tartessos. Bibliotheca Archaeologica Hispana, 3. Real Academia de la Historia. Madrid.
- (2004), "Las necrópolis tartéssicas", El mundo funerario, Actas del III Seminario Internacional sobre Temas Fenicios (González Prats, A., Ed.), Alicante, 457-494.
- (2005) – "Las Necrópolis orientalizantes del Sudoeste de la Península Ibérica". El Período Orientalizante, Protohistoria del Mediterraneo Occidental, Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida (F. Celestino Pérez y J. Jiménez Ávila, Eds.), Anejos de Archivo Español de Arqueología, XXXV, I, 423-440.

A “NECROPOLE” DA CARLOTA (SÃO BRISSOS, BEJA NO CONTEXTO CULTURAL DA I^a IDADE DO FERRO NO BAIXO ALENTEJO: DADOS PRELIMINARES

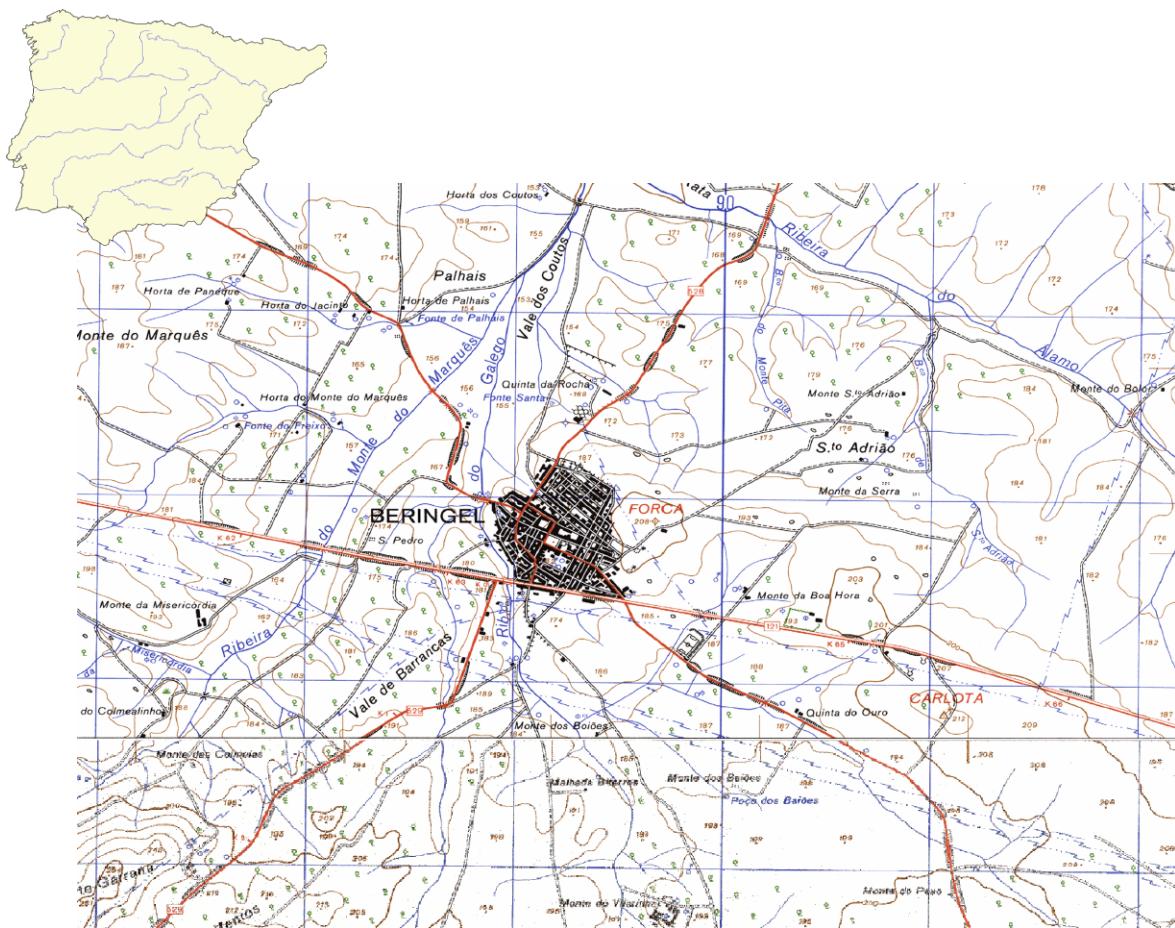


Fig. 1 – Localização da área de implantação do projecto na folha n° 509 da CMP. Escala: 1:25.000



Fig. 2 – Planta geral do sítio de Carlota



Fig. 3 – Vista geral do sítio Carlota durante os trabalhos de escavação



Fig. 4 – Vista geral do monumento 1 – recintos 1 e 2

**A “NECROPOLE” DA CARLOTA (SÃO BRISSOS, BEJA NO CONTEXTO CULTURAL DA
I^a IDADE DO FERRO NO BAIXO ALENTEJO: DADOS PRELIMINARES**



Fig. 5 – Recintos 1 e 2 – Secção Este – Oeste.



Fig. 6 – Vista geral da Sepultura 2 em processo de escavação



Fig. 7 – Sepultura 3 – plano intermédio



Fig. 8 – Sepultura 6 – recinto 2



Fig. 9 – Vista geral do Monumento 2, recintos 3 e 4

A “NECROPOLE” DA CARLOTA (SÃO BRISSOS, BEJA NO CONTEXTO CULTURAL DA I^a IDADE DO FERRO NO BAIXO ALENTEJO: DADOS PRELIMINARES



Fig. 10 – Vista geral da sep.14 – incineração em urna



Fig. 11 – Espólio do segmento central - recinto 1



Fig. 12 – Espólio localizado no interior do segmento central - recinto 1



Fig. 13 – Espólio - sepultura 2



Fig. 14 – Taça carenada localizada - interior do recinto 1.



Fig. 15 – Unguentário – Espólio - Sepultura 3